

A Ressignificação do Maracanazo: a redenção da Seleção Brasileira de 50 estampada na capa do jornal O Extra¹.

Lucas Lopes Albuquerque BASTOS².
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

Resumo

O vice-campeonato na Copa do Mundo de 1950 recebeu por parte da imprensa esportiva nacional uma narrativa que apontava a final do mundial como o maior vexame da história do esporte brasileiro. Após a eliminação da seleção brasileira da Copa do Mundo de 2014 pelo placar de 7 a 1 para a Alemanha, a derrota de 50 foi ressignificada na edição do dia seguinte do jornal O Extra. Neste artigo analisa-se esse processo de atualização do *Maracanazo* mediante alguns vieses: o questionamento do papel da imprensa na construção das narrativas esportivas e o seu grau de reflexão ética presente nesse processo; a construção da memória coletiva nacional sobre essa derrota; a condenação da memória dos atletas envolvidos na derrota brasileira; o direito ao esquecimento negado a esses personagens.

Palavras-chave

Futebol; Narrativa; Memória; Esquecimento; Jornalismo Esportivo.

Introdução

No dia 16 de julho de 1950 acontecia a final da quarta edição da Copa do Mundo de Futebol. A partida ocorreu no recém-construído Estádio Jornalista Mário Filho, mais conhecido como Maracanã, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Os países finalistas na ocasião eram Brasil e Uruguai. O favoritismo era todo da seleção anfitriã, principalmente devido aos bons resultados obtidos nas fases anteriores do torneio. Reuniram-se no Maracanã para assistir à decisão daquele mundial mais de 200 mil torcedores, algo em torno de 10% da população no estado do Rio de Janeiro na época (RIBEIRO, 2007).

Aquele domingo de futebol vinha sendo tratado pela imprensa esportiva nacional como o dia mais importante da história do esporte no país, pois naquela tarde se confirmaria a conquista do primeiro título mundial. A grande maioria dos periódicos não se contentou em esperar o resultado da partida, estampando manchetes muito semelhantes, apontando o Brasil como o novo campeão do mundo³. E o resultado da partida acabou provando-se de fato um verdadeiro marco para o esporte, mas pelo viés contrário do esperado pelos

¹ Exemplo: Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Mídia e Cotidiano do PPGMC-UFF, email: lucas.llab@gmail.com

³ Idem, Ibidem.

cronistas: a derrota de 2 a 1 para os uruguaios, surpreendendo tanto torcida quanto imprensa brasileiras.

A partida ficou mundialmente conhecida pela alcunha de *Maracanazo*, uma expressão de origem uruguaia criada em alusão ao nome do palco da decisão. A imprensa esportiva brasileira, antes tão confiante, se viu obrigada a lamentar a derrota e tentar recolher os cacos do seu próprio discurso de "já ganhou" construído pré-final (GILARDI, 2008), adotando inclusive outras alcunhas para o ocorrido, como a "vergonha de 16 de julho" (MARIO FILHO, 2003). A partir daí, o mesmo assunto foi reagendado⁴sazonalmente dentro da imprensa esportiva, nas vésperas de outros duelos contra a seleção uruguaia e em alguns embates decisivos em mundiais.

Quase 64 anos depois, mais precisamente em 8 de julho de 2014, no Estádio Governador Magalhães Pinto, conhecido popularmente como Mineirão, em Belo Horizonte, Minas Gerais, a seleção brasileira voltou a perder uma Copa do Mundo. Dessa vez a partida era válida pelas semifinais do torneio. O adversário foi a Alemanha, e o resultado mais elástico do que o de 50: 7 x 1. Após o apito final, a imprensa esportiva novamente falava em vexame e humilhação do esporte mais popular do país. Mas de maneira surpreendente a eliminação histórica trouxe uma alegria ao futebol brasileiro: a redenção daquele time que perdera para o Uruguai em 16 de julho de 1950. O jornal "O Extra", quinto periódico de maior circulação nacional (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2013), estampou na capa da sua edição do dia seguinte uma manchete parabenizando a seleção de 50 por sua ótima campanha. O Maracanazo assim era, após pouco mais de seis décadas, ressignificado.

A Memória e o *Maracanazo*

A imprensa esportiva fez questão de manter viva a memória daquela partida, mesmo após várias décadas da realização da final. Muitos dos jogadores participantes inclusive queixavam-se da incessante atualização dessa memória através de entrevistas e novas coberturas baseadas nas histórias daquele mesmo dia (RIBEIRO, 2007). Cada nova partida do esquadrão nacional contra o Uruguai, cada nova final de torneio parecia um convite à imprensa relembrar o ocorrido naquele 16 de julho de 1950.

⁴ O termo "reagendado" foi aqui utilizado em referência à hipótese de *Agenda Setting*. Utiliza-se aqui a definição de Antonio Hohfeldt (2007), cujo pressuposto central é o de que os meios de comunicação são capazes de, a médio e a longo prazo, influenciar o receptor acerca de quais temas pensar e falar, ou seja, influenciando esse público a inserir a temática em questão no seu cotidiano.

E tais contínuas reconstituições do mesmo fato ajudaram a formar uma memória coletiva do que foi o *Maracanazo*, mesmo para aqueles que nem eram nascidos na época. Para isso, a imprensa contou e recontou durante anos a mesma história do vexame de 50, tanto para crianças, jovens, adultos e idosos, ao ponto que a memória individual de um torcedor presente no Maracanã no dia em questão e a memória coletiva do torcedor brasileiro se confundissem. Estima-se que dos 200 mil torcedores presentes no Maracanã naquela final, apenas 30 mil ainda estejam vivos (MUYLAERT, 2013). Mesmo torcedores brasileiros nascidos em décadas posteriores à 50 sentiam-se no direito de cobrar, até mesmo pessoalmente, os atletas brasileiros pelo seu desempenho na partida em questão⁵.

Esse entrelaçamento entre memória individual e coletiva se dá não apenas por basearem-se num mesmo fato, mas por possuir diversos pontos de contato: a narrativa do gol de Ghiggia (jogador uruguaio responsável por marcar o gol da virada), o silêncio ensurdecedor ao término da partida, o choro dos derrotados, etc, todos esses são elementos comuns abordados em narrativas de torcedores presentes no maracanã, os próprios jogadores envolvidos, seus familiares, entre outros. Todos os envolvidos acabam por contar a mesma história de maneira semelhante, e por isso acabam legitimando ela própria (HALBWACHS, 2006). Mas é pertinente salientar que essa memória coletiva só pode ser construída mediante compartilhamento do mesmo local ou meio social por parte dos indivíduos que a compartilham. Um exemplo claro é a memória coletiva uruguaia do mesmo jogo, construída de maneira a significar o Maracanazo de maneira muito positiva: "O nome do Maracanã foi dado a uma avenida em Montevidéu, a uma das tribunas do Estádio Centenário" (MARIO FILHO, 2003, p.291), apenas para dar um exemplo concreto do distinto ponto de vista uruguaio.

A Narrativa do *Maracanazo*: quem são os vilões dessa história?

Um acontecimento como a perda da final da Copa de 50 necessitava de uma narrativa oficial brasileira. A responsabilidade de contar tal história ficou à cargo da imprensa esportiva. Não à toa, claro: é esse o ofício do comentarista esportivo, como afirma Damo:

Tal narrativa é uma modalidade, entre outras, de conexão entre eventos, tendo por finalidade a produção de um discurso supostamente articulado e coerente, por vezes mesmo necessário, para dar sentido a certos eventos que, a rigor, não têm explicação - porque foi desperdiçado um pênalti, como um chute desprezível redundou em gol, etc (DAMO, 2014, p.32-33).

⁵ Idem, Ibidem.

Tal artifício de atribuir sentido a eventos aleatórios através da narrativa amplamente debatido desde Aristóteles, que em sua Poética coloca a intriga como a responsável por formular uma história compreensível e cognoscível (RICOEUR, 1994). A intriga é o mediador entre o acontecimento e a história; é ela que organiza, seleciona e ordena o ocorrido, configurando assim a narrativa e nossa própria experiência. É através dessa intriga e da peripécia (a mudança de destino) que será capaz de mover a narrativa em torno da Tríplice Mímesis proposta por Ricoeur. A Mímesis I é o mundo pré-figurado, uma espécie de pré-compreensão do agir humano, inerente ao leitor e anterior à própria narrativa. Nesse contexto, pode-se considerar esse mundo pré-figurado como a própria compreensão do torcedor de como funciona o futebol, uma copa do mundo, ou o próprio papel da imprensa esportiva, por exemplo.

A Mímesis II é o corte, o mundo figurado no qual a ação ocorre, o domínio da intriga, cujo mecanismo já foi explicitado. Já a Mímesis III expressa-se no mundo pós-figurado, a interseção entre o mundo do texto e o do leitor. Essa última é a própria refiguração do real pela narrativa. É através desse processo que uma partida de futebol, por exemplo, pode ser transformada em uma narrativa que dê um sentido específico ao jogo em si. Embora os mesmos lances futebolísticos, ou seja, os mesmos acontecimentos, possam ser reconfigurados em diferentes narrativas, com significados distintos.

Entretanto, a derrota recebeu uma espécie de discurso oficial único, ou seja, uma unidade de conteúdo capaz de produzir um sentido único que fosse capaz de orientar a concepção dos torcedores brasileiros sobre o que significava o Maracanazo (GOMES, 2002, p.24). E esse discurso tornou-se uma verdadeira tragédia.

O antropólogo Roberto da Matta pondera se aquele jogo não seria "a maior tragédia da história contemporânea do Brasil" (*apud* MORAES NETO, 2013, p.25). Uma outra definição é de autoria do ex-operário do Maracanã e testemunha ocular do "crime" contra a nação brasileira, Isaiás Ambrósio: "algo terrível, terrível, terrível tinha acontecido. Isto não é 'saudosos memórias': é uma triste memória" (*apud* MORAS NETO, 2013, p.15).

Para contar essa história, a imprensa esportiva precisava dar a alguns personagens específicos do jogo a culpa pelo resultado. O *Maracanazo* precisava de vilões: "assim três pretos foram escolhidos como bode expiatórios: Barbosa, Juvenal e Bigode" (MARIO FILHO, 2003, p. 290). A escolha provavelmente não foi aleatória: o jogador negro sofria vigilância implacável de técnicos, dirigentes e da própria imprensa, pois acreditava-se que

eram mais propícios a fraquejar⁶. A esses jogadores não foi permitido o processo de apagamento da identificação racial (BASTHI, 2014), pelo contrário: sua raça aparentemente explicava as falhas em um momento de pressão tal qual uma final da Copa do Mundo. Mas tais justificativas acabavam por fim se configurando apenas como uma tentativa de fuga do brasileiro de seu próprio fracasso, pois se o principal argumento que sustentava a culpa desses atletas era a condição de serem negros ou mulatos, o brasileiro nada mais fazia que se diminuir, pois ele mesmo fazia parte dessa dita raça inferior (MARIO FILHO, 2003), pois no futebol a questão de representação é muito presente. O jogador que atua dentro de campo não é apenas um profissional pago para atuar pelo clube ou seleção do torcedor: ele o representa; é uma extensão do indivíduo na arquibancada, e deve lutar e vencer aquele outro atleta que por sua vez representa um outro alguém (DAMO, 2014). Isso explicaria o trauma brasileiro após a derrota: o resultado foi interpretado pelo povo brasileiro como uma prova do seu subdesenvolvimento enquanto nação (MARIO FILHO, 2003). O crítico de cinema Paulo Perdigão define a dimensão social da derrota para o brasileiro, no contexto da época:

Uma derrota, atribuída ao atraso do país, reavivou o tradicional pessimismo da ideologia nacional: éramos infelizes por um destino ingrato. Tal certeza acarretou nos brasileiros a angústia de sentir que a nação tinha morrido no gramado do Maracanã. (*apud* MORAES NETO, 2013, p.23).

Retomando a questão da escolha não-aleatória dos culpados: não causa estranheza algum a atitude da imprensa de providenciar vilões específicos para contar a história do *Maracanazo*. Barbeiro e Rangel, ao discutirem o papel do jornalista esportivo no que tange a promoção da ética no esporte, efetuam uma curiosa escolha de palavras ao afirmar que "não se faz jornalismo sem fazer vítimas, ou melhor, sem provocar algum reflexo social. Se não provocar não é jornalismo". (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.116). A imprensa havia feito, então, as suas vítimas, e se preparava para o assassinato de suas reputações. Seja "por distorção deliberada ou inadvertida", o dano estava pronto para ser feito. (BUCCI, 2000, p.157).

Esses três personagens foram os mais associados diretamente à derrota de 50. Cada um deles tem casos icônicos de sofrimento e humilhação provocados por esse processo de vilanização auxiliado em grande parte pela imprensa esportiva nacional. Juvenal, zagueiro brasileiro, lembra um dos episódios:

⁶ Idem, *Ibidem*.

Comigo e com Bigode aconteceu o seguinte, na Churrascaria Gaúcha, no Rio de Janeiro: eu me sentei com minha noiva. Logo depois, Bigode chegou. Um casal, que estava sentado adiante, apontou para Bigode: "olha aí quem perdeu a Copa do Mundo...". Bigode olhou, se levantou e foi embora, sem jantar. (*apud* MORAES NETO, p.61).

Bigode, lateral da seleção derrotada, explicita sua mágoa com a imprensa: "eu devo ter dado prejuízo à imprensa. Com raiva, eles devem ter dito: 'vamos acabar com ele...'. Em outras Copas, culparam quanta gente?". E ainda acrescenta: "quando sou apresentado a alguém na rua, dizem 'É Bigode, um dos que perderam a Copa do Mundo de 1950...'" (*apud* MORAES NETO, 2013, p.87-89).

Augusto, capitão do Brasil na ocasião, apesar de não ser um dos principais alvos dos jornalistas, também se disse revoltado com o tratamento recebido:

Em 1978, o Brasil perdeu, mas foi "campeão moral". A derrota que ficou é a de 50. Fui chamado de traidor! Aliás, todos nós: "traidores da pátria". Isso saiu nos jornais! Talvez tenha sido um desabafo da imprensa, porque ela precisava dar alguma satisfação ao público, mas foi uma injustiça com os jogadores (...) Não mereceríamos ser tratados desse jeito, Nós éramos ídolos até a véspera do jogo (*apud* MORAES NETO, 2013, p.50).

Mas o goleiro Barbosa talvez tenha sido, dos três personagens, o mais pintado como culpado da derrota. Inclusive por causa desse resultado criou-se um estigma em cima de goleiros negros no futebol brasileiro. O falecido humorista Chico Anysio, em coluna publicada no periódico "O Lance!", em 2006 (56 anos após o *Maracanazo*), afirmou categoricamente: "não tenho confiança em goleiro negro" (CHICO ANYSIO, 2012). Um caso emblemático da perseguição ao arqueiro ocorreu na partida entre Estados Unidos e Brasil, em 1993, válida pelas Eliminatórias para a Copa do Mundo. Barbosa quis entrar no vestiário, no intervalo da partida, para incentivar os jogadores, mas foi impedido, a fim de que não desse azar. Amargurado, enunciou uma frase que tornaria-se célebre até o fim de sua vida, em 2000: "no Brasil, a pena maior por um crime é de trinta anos de cadeia. Há 43 anos pago por um crime que não cometi" (*apud* GALEANO, 2014, 101). Barbosa reclamou inclusive sobre a supervalorização dada àquele jogo em detrimento de toda sua carreira:

Minha carreira foi de 27 anos, tudo se resume à final da Copa do Mundo contra o Uruguai, e dentro do tema o assunto preferido é o suposto "frango do Barbosa", sem levar em consideração que fui o primeiro goleiro negro a bater tiro de meta, antes batiam os zagueiros, eu nunca joguei de luvas, só de joelheiras, tenho seis fraturas na mão esquerda, cinco na direita, quebrei também a perna (...) (MUYLAERT, 2013, p.73).

Mas de alguma forma o jogador chegou a interiorizar parte dessa culpa ao afirmar: "Ghiggia diz que só ele, o Papa e Frank Sinatra calaram o Maracanã. Eu também fiz o Brasil calar, fiz o Brasil chorar" (*apud* MORAES NETO, p.41).

O inesquecível *Maracanazo*

Àquela final contra o Uruguai, em 16 de julho de 1950, e aos jogadores envolvidos na disputa, nunca foi permitido a cura dos seus pecados pelo tempo. A esses personagens jamais foi permitido o contato metafórico com *Lete*, o rio mítico grego que corria no submundo e conferia às almas dos mortos que o tocassem o esquecimento para o alívio de seus pecados (WEINRICH, 2001). Pelo contrário: à Barbosa, Juvenal e Bigode em maior escala, mas também aos outros esportistas brasileiros em menor escala, restou a "condenação da memória" (*damnatio morale*), um conceito jurídico proveniente do direito romano. Originalmente, a condenação da memória atingia governantes que, seja por quaisquer medidas ou revoluções, tornavam-se inimigos de estado. Suas memórias deviam ser corrompidas, assim como suas realizações sociais desfeitas, destruídas⁷. Um castigo semelhante foi imposto aos jogadores brasileiros derrotados naquela final: suas memórias foram eternamente maculadas, tornaram-se verdadeiros inimigos do futebol e da própria nação, pelo "grande pecado" de serem vice-campeões. O povo brasileiro poderia até vir a esquecer seus nomes ou rostos, mas nunca esquecia o que representaria o dia 16 de julho de 1950 ou o termo *Maracanazo*: a maior vergonha do futebol nacional. A imprensa esportiva se encarregaria dessa tarefa.

A triste sina do não-esquecimento ao qual estão fadados os vice-campeões mundiais de 50 foi algo interiorizado pelos jogadores, ainda que provavelmente nunca saberemos ao certo o quanto eles realmente se acostumaram com isso. Danilo, chamado de "O Príncipe", um dos craques daquele time, afirma em entrevista ao repórter Geneton Moraes Neto: "Há milhões de anos tento esquecer (o jogo). Quando estou conseguindo, vem alguém me perguntar, feito agora" (*apud* MORAES NETO, p.70). Barbosa, o grande injustiçado, afirma categoricamente: "Muita gente não entrou para a história. Eu jamais sairei da história do futebol brasileiro por causa daquele jogo, em 16 de julho de 1950". (*apud* MORAES NETO, 2013, p.41).

⁷ Idem, Ibidem.

A redenção tardia: o parabéns do jornal O Extra à seleção de 50.

Tanto a memória individual quanto a memória coletiva não são definitivas ou imutáveis. O passado é eternamente reconstruído, moldado e ressignificado segundo os parâmetros do presente (ROSSI, 2010). Durante 63 anos não houve uma mudança tão drástica de referencial capaz de desassociar o sentimento de vergonha nacional daquela derrota em 50. A Seleção Brasileira sofrera uma derrota mais elástica em outra final de Copa do Mundo, a de 1998, contra a França (3 x 1), mas apesar do abatimento nacional pós-partida, o novo vice-campeonato não apagou ou suavizou a perda do título em pleno território nacional. Após meio século, a derrota de 50 continuava sendo a maior de todas as derrotas. (MORAES NETO, 2013).

Quando o Brasil foi anunciado como país-sede da Copa do Mundo de 2014, o "fantasma de 50" foi mais uma vez agendado pela mídia. Exemplo disso foi o comercial veiculado no Uruguai e amplamente repercutido na imprensa esportiva brasileira, após a seleção uruguaia conquistar a classificação para o Mundial do Brasil. No vídeo, um indivíduo fantasiado de "fantasma" uruguaio passeava por pontos turísticos do Rio de Janeiro, pronto para assombrar os torcedores (FANTASMA DE 50, 2013). Mas não era necessário ao comercial uruguaio uma alusão tão explícita ao trauma brasileiro: bastava que pusesse as mesmas imagens às quais o torcedor brasileiro está tão acostumado a receber quando o assunto é o *Maracanazo*. Nos apropriando dos conceitos de Yates (2007), o arremate de Gigghia, o maracanã lotado com 200 mil torcedores, essas e outras imagens são diretamente associados à dor, ao fracasso, à vergonha, a partir de uma técnica mnemônica eficiente desenvolvida por cada torcedor e incentivada pela própria imprensa. E pouco importa que esses torcedores em questão só tivessem nascido décadas após a final de 50 ou jamais tivessem pisado no estádio do Maracanã, pois eles também tiveram a oportunidade de acompanhar a narrativa daquela partida:

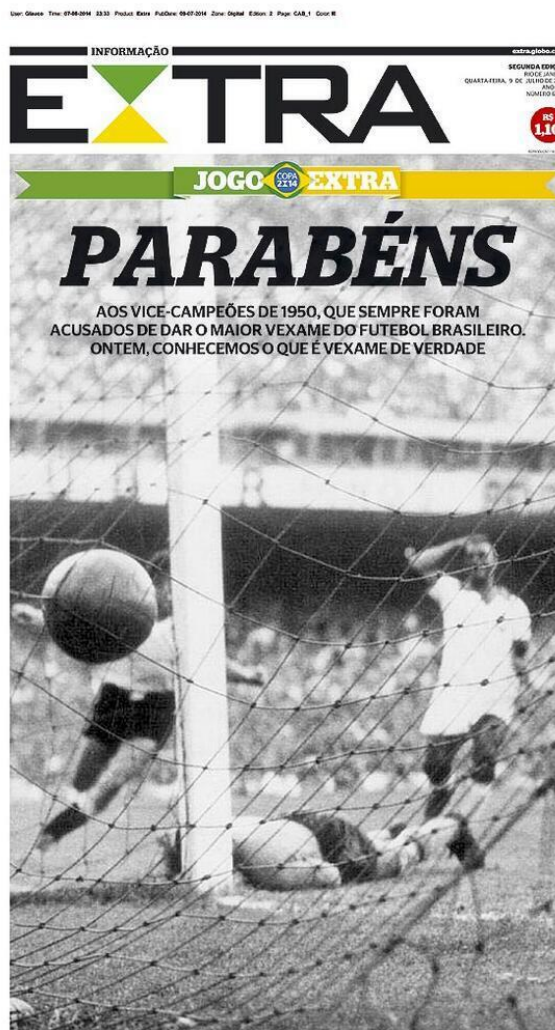
A televisão tem a capacidade de reformatar antigas narrativas através de ajustes, de uma nova edição sonora e visual, de modo a que correspondam aos imaginários das gerações atuais. E isto é feito de modo permanente com o futebol e especialmente com os grandes espetáculos - a Copa do Mundo entre eles - que tem seus momentos mais emocionantes reproduzidos muitos anos depois. O gol de Pelé na Copa da Suécia, dando um chapéu no zagueiro, é conhecido de jovens que não tinham nascido em 58 (RIAL, 2002, p.22).

É válido lembrar que a final de 50 foi "o último grande acontecimento esportivo nacional que escapou das lentes da televisão (...) A primeira transmissão só seria feita dois meses e dois dias depois" (MORAES NETO, 2013, p.30). Entretanto, a televisão conseguiu

vencer até mesmo essa dificuldade técnico-temporal, oferecendo aos seus torcedores "cenas esparsas de um filme, até hoje repetidas à exaustão em épocas de Copa do Mundo"⁸. Nem mesmo o mais jovem dos torcedores tinha a desculpa de não saber o que significava aquela derrota de 50: a mídia esportiva levava até ele o discurso pronto (repetidas vezes, inclusive).

A semifinal do mundial de 2014 seria o grande responsável por atualizar esse fantasma de 50. Apesar da imprensa esportiva não mostrar confiança no triunfo canarinho (alcunha do time brasileiro), uma derrota por 7 a 1 não era uma aposta dos comentaristas. No dia seguinte, os grandes jornais do país repercutiram em suas capas a desastrosa partida da seleção brasileira. Escolhemos o jornal "O Extra" para análise, pois considera-se aqui que a sua cobertura é a mais emblemática no que tange à ressignificação da derrota de 50.

Figura 1 - Capa da edição de 9 de julho de 2014 do jornal "O Extra"



⁸ Idem, Ibidem, p.31.

A capa da edição de 9 de julho é preenchida unicamente por uma foto. A foto em questão retrata o momento em que Gigghia, atacante uruguaio, comemora o gol da virada da seleção celeste (como é conhecido o time nacional uruguaio), enquanto Barbosa encontrava-se estirado no gramado. Essa imagem foi por diversas vezes associada ao clímax da narrativa trágica do esquadão brasileiro em 50, mas dessa vez a narrativa construída em torno da imagem foi outra totalmente diversa. A imagem de capa acompanhava a seguinte manchete: "parabéns aos vice-campeões de 1950, acusados de dar o maior vexame do futebol brasileiro. Ontem, conhecemos o que é vexame de verdade".

Essa manchete é um ótimo exemplo sobre o que Umberto Eco chama de "Esporte elevado à enésima potência". O conceito é exposto e destrinchado por Marques:

Por último, o esporte elevado à enésima potência representa o discurso sobre a imprensa esportiva, ou seja, o componente autorreferencial que a imprensa esportiva demonstra ao autofocar as discussões sobre as práticas esportivas. Aqui, a discussão e o relato não são mais sobre o esporte, mas sim sobre a falação a respeito do esporte. Desse modo, para Eco, o esporte atual é essencialmente um discurso sobre a imprensa esportiva. (MARQUES, 2011, p.98-99)

A capa do Extra não trata do 7 a 1 em si, nem faz referência direta ao placar da partida. Mas não se pode dizer que o objeto tratado seja ao resultado da final do mundial de 50: na verdade o ponto central é justamente o discurso da própria imprensa sobre aquela partida. Uma narrativa que durou 64 anos, apesar das constantes atualizações e possíveis sofisticções (recuperação de imagens de arquivo, novos depoimentos de personagens, etc.) é desconstruída em uma manchete. O "parabéns", partindo do pressuposto de que seja sincero e não irônico, não busca redimir apenas os jogadores envolvidos na partida, mas a própria imprensa esportiva por sua injustiça histórica. Entra em cena portanto justamente esse discurso da imprensa esportiva sobre ela própria: o futebol fica em segundo plano, é mais importante aqui discutir como tal fato deve ser tratado de agora em diante pelos jornais esportivos.

Nesse contexto, essa capa é um agente de ressignificação da *Maracanazo* à medida que abre uma nova "trincheira de recordação", forçando jornalistas e torcedores a se lembrarem daquele 16 de julho de 1950 e a jamais esquecerem o fato ocorrido naquele dia (WEINRICH, 2001). Mas se antes as imagens evocavam o tal "fantasma de 50" e sentimentos negativos como inferioridade ou vergonha, agora devem ser ícones de uma seleção que perdeu de maneira honrosa. A história oficial do *Maracanazo* é oficialmente reescrita. Ou melhor: a tragédia de 50 sofre um "apagamento":

A história do século XX, conforme bem sabemos também quando tentamos esquecê-lo, está cheia de censuras, apagamentos, ocultações, sumiços, condenações, retratações públicas e confissões de inúmeras traições, além de declarações de culpa e de vergonha. Obras inteiras de história foram reescritas, apagando os nomes dos heróis de um período. (ROSSI, 2010, p.33).

Esse apagamento social pode tanto excluir heróis quanto vilões, e é esse sentido o promovido pela redentora manchete do Extra. Aos atletas de 50, o fim da condenação de sua memória. Aos personagens brasileiros envolvidos no 7 a 1, apenas o começo de uma nova narrativa. O próprio jornal, ao avaliar os jogadores brasileiros que participaram da partida, optou por atribuir nota zero a todos, seguidas de um comentário uniforme: "participou do maior vexame da história do futebol brasileiro". Assim, Barbosa e cia. finalmente passavam a bola para um novo time de jogadores sem direito ao esquecimento.

Considerações Finais

A imprensa esportiva, principalmente através de seus comentaristas, é a instituição responsável por atribuir sentido aos eventos esportivos. Um jogo de futebol é um conjunto de lances aleatórios ao qual o locutor, o comentarista, enfim, o jornalista em questão deve atribuir uma narrativa, para que os torcedores possam compreender o que se deu no dia em questão. Nesse ponto, o cronista esportivo se assemelha ao do historiador: ambos compõem um saber universalmente aceitável que exerce uma função essencial de guia para nossas interpretações sobre um determinado fato (CHARTIER, 2010). Ríal relembra um episódio da semifinal da Copa de 2002, no qual o jogador Denílson driblava os jogadores turcos, chegando a ser marcado por cinco adversários, enquanto seu companheiro de time esperava sozinho na área um toque que nunca veio. A narrativa oficial exalta a malandragem brasileira e orienta o torcedor a rir do ocorrido. A falha desportiva não é comentada (RIAL, 2002, p.24).

A final do mundial de 50, a qual a própria imprensa já produzia um pré-discurso positivo (a consagração do crescimento de uma seleção e, por consequência, do próprio Brasil), teve de receber uma narrativa condizente com a derrota para a seleção uruguaia. Alguns atletas foram escolhidos para ocupar o papel de vilões da história, mais precisamente os negros diretamente envolvidos nos gols da derrota. Esses jogadores foram expostos durante anos, sem que se pensasse criticamente o que significava associar diretamente e repetitivamente suas imagens a uma tragédia de proporções nacionais. Barbosa e outros jogadores morreram com suas memórias maculadas por uma única partida.

Após o fiasco da Copa de 2014, a imprensa esportiva viu a necessidade de tecer uma narrativa que desse conta de explicar o que representava o 7 a 1 sofrido. Nesse percurso de apontar a goleada alemã como a maior vergonha nacional, era preciso recontar a história daquele 16 de julho de 1950. E o que antes era vergonha, torna-se um vice-campeonato honrado. Os párias da nação, tornam-se soldados feridos em combate. A derrota de 50 fica apenas em segundo plano no quadro das vergonhas nacionais: agora o 7 a 1 ocupa o primeiro plano. Realça-se a tragédia de 2014, esconde-se aquela já tão antiga. Pois narrar é isso: realçar, eleger e excluir (RICOUER, 1994).

Assim uma nova narrativa do futebol brasileiro pode ser construída. Se ela seguirá o mesmo roteiro de condenação da memória de alguns atletas, discursos tendenciosos e eventual humilhação dos envolvidos, ainda é cedo para dizer. Barbosa deu a dica, há anos atrás, deu uma dica sobre qual deverá ser o tratamento daqui pra frente: "infelizmente, aqui no Brasil, a gente só olha uma coisa: ou você é campeão ou não é. Porque vice, meu filho... Aqui não tem valor nenhum". (MORAES NETO, 2013, p.36). Imaginemos então uma seleção que ficou em quarto lugar numa Copa do Mundo em sua própria terra, qual tratamento receberá. Espera-se que a imprensa esportiva, nesse processo de significação do 7 a 1, tenha uma real preocupação ética com a maneira com a qual tratar-se-á os personagens envolvidos, na medida em que a ética não deve ser apenas um conceito obsoleto guardado para casos fortuitos: ela deve ser aplicada ao dia-dia do jornalista esportivo. Segundo Karam:

Se levarmos isso para o jornalismo, podemos tomar duas atitudes: achar que seu desdobramento contemporâneo é natural e, portanto, devemos apenas nos render à repetição do dia anterior e de sua modificação imposta pelas novas tecnologias, interesses econômicos e políticos formados pela 'lógica do mercado', ou, ao contrário, pensarmos que é possível construir um campo de conhecimento fundamental para a humanidade, no qual a inscrição da ética seja fundamental para que o futuro não se torne apenas mais um refém conformado do passado (KARAM, 1997, p.33)

Daqui para frente fica o questionamento para os jornalistas do meio esportivo: como a temática do 7 a 1 deve ser trabalhada? Um caminho parece ser rever as declarações de Barbosa, Bigode e outros jogadores marcados negativamente pelo vice-campeonato, e avaliar de maneira ética a validade de um discurso de "maior vexame do futebol nacional".

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS - MAIORES JORNAIS DO BRASIL. Disponível em: < <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil-2/#> >. Acesso em 06/06/2015.

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BASTHI, A. **Breve reflexão sobre Pelé e a experiência negra no futebol brasileiro**. In: CAMPOS, F.; ALFONSI, D. (org.). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CHICO ANYSIO - COLUNA DO LANCE!. Disponível em: < http://www.lancenet.com.br/futebol/Cabelos-pe-galera_0_668933240.html >. Acesso em: 06/06/2015.

DAMO, A. S. **O espetáculo das identidades e alteridades** - as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, F.; ALFONSI, D. (org.). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

DO CABO, A.; HELAL, R. **Vitória épica e tragédia nacional em 1950**: um contraponto entre o Diário Carioca e veículos de imprensa uruguaia. In: _____. **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

FANTASMA DE 50. Disponível em: < <http://extra.globo.com/esporte/copa-2014/classificados-para-copa-uruguayos-provocam-brasileiros-em-comercial-fantasma-de-50-ja-esta-no-brasil-10836092.html> >. Acesso em: 06/06/2015.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GILARDI, J. J. T. **1950: o olhar da imprensa**. Rio de Janeiro: Revista Contemporânea, nº 10, 2008.1

GOMES, M. R. **Ética e Jornalismo**: uma cartografia de valores. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOHLFELDT, A. **Hipóteses contemporâneas de pesquisa em Comunicação**. In: _____, MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. (org.) **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

KARAM, F. J. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo, Summus, 1997.

MARQUES, J. C. A “**criança difícil do século**” – algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio. São Paulo: Comunicação, Mídia e Consumo. Ano XIII, vol. 8, nº 8, 2001.

MORAES NETO, D. **Dossiê 50**. Rio de Janeiro: Maquinária, 2013.

MUYLAERT, R. **Barbosa** - um gol silencia o Brasil. São Paulo: Bússola, 2013.

RÍAL, C. **Televisão, futebol e novos ícones planetários**: aliança consagrada nas copas do mundo. Santa Catarina: Revista Motrivivência. Ano XIII, nº 18, 2002.

RIBEIRO, A. **Os donos do espetáculo** - histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RICOUER, P. **Tempo e Narrativa (Tomo 2)**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Petrópolis: Fumo, 1994.

ROSSI, P. **O passado, a memória, o esquecimento**. São Paulo: Unesp, 2010.

WEINRICH, H. **Lete: a arte crítica do esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

YATES, F. **A arte da memória**. São Paulo: Unicamp, 2007.